

A TRADUÇÃO LITERÁRIA ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E CULTURA

Michelle de Abreu Aio

Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho visa analisar a possibilidade de tradução entre a língua portuguesa europeia e a brasileira. Tendo em vista que a tradução acontece quando as línguas nela envolvidas são consideradas diferentes, apresentamos uma breve análise das diferenças sintáticas da língua portuguesa europeia e brasileira no intuito de mostrarmos a relevância do trabalho tradutório envolvendo as duas. Considerando a intrínseca relação entre língua e cultura, mostramos brevemente a evolução da língua portuguesa a fim de apontar para as diferenças culturais e suas implicações no idioma. Como *corpus*, utilizamos o livro português *Os cus de Judas* (2003) com o qual exemplificamos as diferenças analisadas e para o qual, por fim, apresentamos uma proposta de tradução.

Palavras-chave: Tradução, Língua, Cultura, Língua Portuguesa

This paper aims to analyze the translation possibility between the European Portuguese language and the Brazilian one. Considering that the translation occurs when the languages involved there are considered to be different, we show a brief analysis of the syntactic differences of the Portuguese language aiming to point out the relevance of the translation work involving the European and the Brazilian Portuguese language. Taking the intrinsic relation between language and culture into account, we briefly show the evolution of the Portuguese language in order to indicate the cultural differences and their implications for the language. As a corpus we used the Portuguese book *Os cus de Judas* (2003) with which we exemplify the analyzed differences and to which, finally, we show a translation proposal.

Keywords: Translation, Language, Culture, Portuguese Language

Introdução

A tradução tem sido basicamente entendida como a relação estabelecida entre dois textos, os quais desempenham papéis idênticos nas diferentes línguas/culturas para as quais são destinados. Para que uma tradução tenha razão de ser, no entanto, é indispensável que os textos envolvidos sejam escritos em códigos formalmente considerados diferentes, ou seja, quando a comunidade recetora não compreende o código em que o texto foi originalmente escrito. O papel do tradutor, então, reside na escolha de equivalentes textuais da língua/cultura original para a língua/cultura a receber a tradução.

Ao levarmos em consideração a língua portuguesa utilizada em Portugal e no Brasil temos a impressão de que há uma homogeneização linguística – crença bastante difundida pelas gramáticas e por alguns teóricos da língua. Todavia, quando olhamos mais de perto, percebemos que as discrepâncias entre a língua portuguesa europeia e a brasileira são muitas, capazes até de levar o leitor à total incompreensão, ou à falsa ilusão de que entendeu o texto quando, na verdade, ele acabou de ler vocábulos que existem em ambas as línguas, mas que podem adquirir significados diferentes em cada uma delas. Podemos perceber esse estranhamento nos textos literários, embora tidos como a modalidade de escrita mais monitorada – ou seja, mais próxima dos moldes ditados pelas gramáticas, cujas regras são as mesmas prescritas tanto no Brasil quanto em Portugal. Analisando as diferenças existentes entre a língua portuguesa europeia e a brasileira percebemos que a língua que se utiliza no Brasil é bastante distinta daquela vista nas gramáticas da língua portuguesa.

Utilizamos como *corpus* neste trabalho o livro *Os cus de Judas*, escrito em 1979 pelo lusitano António Lobo Antunes (2003), e que conta a história da guerra de Angola pela visão de um soldado português. A personagem – autodiegética – é um psiquiatra combatente na guerra de Angola que conta sua história a uma interlocutora que não se interpõe no seu relato. Antunes, para compor sua narrativa, usa o fluxo de consciência e uma linguagem coloquial, junto com palavras e expressões de baixo calão – bastante próximo, supomos, da linguagem utilizada no cotidiano pelos falantes da língua portuguesa europeia. Não consideraremos as características intrínsecas da linguagem literária – conquanto seja um campo infinito de considerações – por não ser este o enfoque deste artigo. Mostraremos os resultados das análises sintáticas e semânticas feitas de acordo com a gramática da língua portuguesa (Cunha e Cintra 2007) e o dicionário da língua portuguesa (Instituto Antônio Houaiss 2001).

Embora tenhamos escolhido uma obra literária como *corpus*, o enfoque deste trabalho está na questão de trazer à tona as diferenças entre o português brasileiro e o europeu e suas possíveis implicações na tradução. Assim, embora conscientes da singularidade literária, não nos deteremos mais profundamente neste aspeto. Em uma possível tradução da obra como um todo haveria a necessidade de trabalhar com os procedimentos de construção utilizados para compor a literariedade do texto.

Considerações sobre teoria da tradução

Ao tentarmos conceituar certas atividades humanas, falhamos muitas vezes por perdemos ou ignorarmos alguns aspetos nelas envolvidos quando nos mantemos fixos ou apenas nos seus atos mecânicos ou em seu âmbito psicológico. Estabelecer definições para uma atividade que, ao mesmo tempo em que exige **fidelidade** ao texto original, pede adequação à comunidade e à língua recetoras, exige, no mínimo, esforço. Por isso a tradução tem sido definida por diversas vertentes pelos teóricos que a estudam.

A tradução pode ser vista como uma relação entre os textos e as situações em que esses textos ocorrem, visto que não é possível que se faça uma tradução de qualidade sem o contexto de sua produção. Chegando a essas conclusões, Halliday *et al.* (1974, 149; apud

Rodrigues 2000, 29) concebem a tradução como sendo «a relação entre dois ou mais textos que desempenham idêntico papel em idêntica situação». Neste sentido, pode-se inferir que a tradução consiste na busca da equivalência textual – assim como situacional – entre língua-fonte (LF) e língua-alvo (LA). Por isso, devemos estreitar a relação entre texto e contexto no que concerne à tradução, e não mais encará-la como uma atividade a ser realizada com cada palavra da LF para a LA. Com isso, podemos dividir a tradução, segundo Catford (1980), em equivalência textual, ou seja, qualquer porção de texto da LA que se observe ser o equivalente de determinada porção de texto da LF, e em correspondência formal, que é qualquer categoria da LA que ocupa, o mais próximo possível, o **mesmo** lugar que a categoria ocupa na LF. De forma genérica, podemos considerar que «[...] o objetivo da tradução total deve estar em escolher equivalentes da LA não com o «mesmo significado» dos itens da LF, mas com a maior imbricação possível na faixa de situação» (ibid., 54-55), ou seja, um texto que faça sentido para a comunidade recetora da tradução em situação semelhante ao texto original veiculado em mesma situação na LF. O texto traduzido deve produzir, na comunidade recetora, os mesmos efeitos que o texto original causa na comunidade do texto original. Assim, o recetor seria capaz de, «[...] em sua própria cultura, reagir à mensagem em sua língua substancialmente da mesma maneira pela qual o recetor da cultura original reagiu» (Nida 1964, 149; apud Rodrigues 2000, 92). Por isso, o texto deve ser compreendido na LA não apenas «do ponto de vista da interpretação, mas de certo conceito de inteligibilidade», não se devendo medir essa inteligibilidade apenas por palavras compreensíveis e sentenças gramaticalmente corretas, «mas em termos do impacto total que a mensagem provoca em quem a recebe» (op. cit., 89).

Vale ressaltar que um texto, dentro de uma língua, expressa a «consciência de uma coletividade», o meio pelo qual uma comunidade concebe «o mundo que a cerca e sobre ele age» (Cunha e Cintra 2007, 1), por isso esses **papeis** exercidos pelo texto variam de acordo com as culturas, já que «as línguas são produtos da cultura para permitir a comunicação social» (Camara Jr. 1997, 87-88). Essas concepções de mundo expressas na linguagem devem ser recapturadas nas traduções para que se permita que a comunidade recetora do texto identifique-se com a mensagem – e as marcas culturais nela imbricadas.

Portugal e Brasil: mesma língua?

A tradução de textos escritos em línguas tidas como semelhantes, como a língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil (doravante PE como português europeu e PB como português brasileiro), seria, à primeira vista, classificada como tradução intralingual, tendo em vista a crença – bastante difundida – de que falamos uma mesma língua, conceito no qual se apoia a tradição linguística no Brasil. Assim, os livros publicados em um país e outro poderiam receber, a título de tradução, algumas adaptações na ortografia e no uso de pronomes pessoais (para citar apenas alguns exemplos), e depois serem publicados acreditando-se não haver maiores problemas de compreensão do público recetor.

Todavia, se analisadas com cuidado todas as características das duas línguas (PB e PE), suas construções sintáticas e morfológicas, expressões idiomáticas, além de seu léxico, percebe-se que essas diferenças ultrapassam as limitadas adaptações que esses textos

sofrem, e exigem reconstrução textual – tipicamente chamada de tradução interlingual – para que sejam compreensíveis e que atinjam o público estrangeiro com a mesma intensidade linguística incitada na comunidade da LF.

As línguas PB e PE compartilham, sim, uma estrutura morfológica e sintática semelhante, mas, por outro lado, têm em comum um léxico e uma sintaxe que, algumas vezes, traz significados diferentes nos países em questão. Como afirma Bagno (2005a, 171),

[...] já vimos que, para conhecer a fundo um enunciado, é preciso ir além da morfologia e do léxico, é preciso se embrenhar no campo da semântica e da pragmática. Os **usos** que os brasileiros e os portugueses fazem de seus recursos sintáticos e lexicais são muito diferentes, bem como são diferentes as **intenções** que comandam esses usos. Também existem enormes diferenças no campo da **prosódia**, no **ritmo** da fala, na entonação dos enunciados, todo um conjunto de regras de uso dos recursos fônicos. (grifos do autor)

Unidas todas essas diferenças, muito desentendimento pode ser causado em vista do engano que se comete com o uso de certas palavras e estruturas que possuem significados diversos nessas comunidades linguísticas. Muitas vezes estruturas discursivo-pragmáticas que funcionam na comunidade da qual se origina o texto não são efetivas na comunidade recetora, podendo causar estranhamento e incompreensão por parte dos leitores.

Traduzir, portanto, não envolve apenas o exercício de recomposição textual. O tradutor deve levar em consideração a cultura recetora, o modo dessa comunidade ver o mundo, suas ideologias. Os textos escritos em PB e PE, em essência, são produzidos para atingir o grupo de leitores pertencentes às respectivas comunidades linguísticas, refletindo, em suas palavras, os valores que tais comunidades respeitam. Daí a falta de correspondência cultural entre estes textos, e por isso a importância da tradução das obras. Estas deveriam passar pelas mãos do tradutor para que adequasse os discursos à cultura de cada LA. Como afirma Baccega: «A opção por um ou outro modo de ver e, portanto, por uma ou outra palavra revela que cada indivíduo/sujeito se insere num determinado sistema de valores a partir do qual lerá o mundo, praticará ações, fará ciência» (2003, 10). São essas escolhas que se tornam determinantes na diferença entre um texto (original) e outro (já traduzido).

Embora a linguística conservadora ainda preserve a concepção de que existe apenas uma língua portuguesa partilhada por todos os países lusófonos, muitos linguistas e gramáticos enxergam o português como sendo brasileiro no Brasil, isto é, com estrutura e forma peculiares do uso brasileiro, e europeu aquele que se fala em Portugal, com suas características próprias. Indubitavelmente partilhamos de traços sintáticos e morfológicos semelhantes – afinal, o português lusitano foi a nossa primeira língua, e com base nele é que fomos modificando, acrescentando, enriquecendo a nossa própria língua portuguesa brasileira.

Língua portuguesa: uma língua, dois caminhos

A língua portuguesa, embora tenha tomado caminhos diferentes, alcançando territórios africanos, asiáticos e americanos, surgiu espontânea e despretensiosamente na estreita faixa da Península Ibérica, cerca de 1.600 anos atrás. Como outras línguas europeias, o português originou-se do latim, incorporando vocábulos de outras línguas, adaptando-os, modificando sua estrutura, até entrar em contato com outros mundos, outras realidades culturais e geográficas, e espalhar pelo planeta diversos pontos de sua influência linguística.

As mudanças que ocorrem no interior de um sistema linguístico estão intimamente relacionadas com as alterações sociais da comunidade falante. Com o surgimento de novas relações sociais e de novas necessidades comunicativas, a língua transforma-se para adequar-se a essas novas necessidades. Segundo Faraco (2005, 66),

[...] o movimento histórico das línguas está correlacionado com alterações nas relações sociais: há uma história social que precede as mudanças linguísticas, isto é, mudanças na organização social geram novas relações interacionais nas quais, então, se geram processos de mudanças linguísticas [...].

A língua é social, é construída por seres humanos para servir de meio de expressão da realidade. Ela revela as características culturais da comunidade linguística; portanto, como afirma Bagno: «Uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada» (2007, 73). E as mudanças não ocorrem em uma direção específica. Ao contrário, a língua muda porque a sociedade muda. Segundo Crystal: «Se formos usar metáforas para falar de mudança linguística, uma das melhores é a de um sistema que se mantém num estado de equilíbrio, enquanto as mudanças ocorrem dentro dele» (apud Bagno, op. cit., 188).

Considerações sobre o livro *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes

Utilizando o livro *Os cus de Judas* (2003), do escritor português António Lobo Antunes, podemos perceber que as diferenças existentes entre o PB e o PE são, no mínimo, suficientes para que passemos a considerar o alargamento de traduções dos textos escritos em uma dessas comunidades e publicados na outra. No texto encontramos um vocabulário coloquial, incluindo palavras de baixo calão e expressões idiomáticas próprias do PE e que possuem equivalentes em PB, mas com vocábulos diferentes. Essa característica da obra facilita a análise de uma possível tradução entre PB e PE, já que o texto não se atém aos moldes da escrita monitorada padrão e o autor faz uso de gírias, expressões coloquiais, construções sintáticas e usos pragmáticos naturais dos falantes da comunidade leitora da obra original – os portugueses. Levados pela noção de que um texto só atinge seu objetivo quando é entendido pela comunidade que o recebe, e após a análise minuciosa das discrepâncias entre a língua portuguesa falada no Brasil e aquela falada em Portugal, entendemos que a obra em questão mereceria ser traduzida para a língua estrangeira recetora – no caso, a brasileira. Sem essa tradução, algumas expressões pejorativas em

PE, tão marcantes no texto não causariam, por exemplo, o mesmo efeito na comunidade brasileira que lê este livro.

Abordaremos algumas diferenças sintáticas entre PB e PE encontradas no livro *corpus* deste artigo. Como base para a teoria gramatical utilizou-se a *Nova gramática do Português contemporâneo*, de Cunha & Cintra, edições portuguesa e brasileira (2005 e 2007, respetivamente), embora as citações usadas no texto provenham da edição brasileira.

Análise sintática

As gramáticas trazem, ao lado de suas prescrições tidas como únicas e incontestáveis, as diferenças de uso no PB e no PE, mesmo na linguagem literária, que seria um dos tipos de escrita monitorada e, por isso, mais próxima das normas gramaticais. Vejamos:

- A gramática diz que o uso brasileiro dos pronomes átonos difere do lusitano podendo-se encontrar, algumas vezes, «[...] similar na língua medieval e clássica» (Cunha e Cintra 2007, 316). É o caso da preferência dada para a próclise no PB, enquanto no PE a forma mais usada é a ênclise. Algumas formas do uso brasileiro dos pronomes átonos podem também ser encontradas no português de países africanos lusófonos.
- É preferido no Brasil (assim como nos países africanos lusófonos) a forma **estar** (ou **andar**) seguida de gerúndio. Em Portugal predomina o uso de **estar** (ou **andar**) seguido da preposição **a** e do verbo no infinitivo. Esta construção também «[...] equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos **estar**, **andar**, **ficar**, **viver** e semelhantes [...]» (ibid., 486).
- No PB, é comum o emprego do verbo **ter** com o sentido impessoal de **haver**. A gramática afirma: «Escritores modernos – e alguns dos maiores – não têm duvidado em alçar a construção à língua literária» (ibid., 130).
- As orações adjetivas reduzidas dividem-se em dois usos determinados apenas pela preferência em PB e PE. As orações adjetivas reduzidas de infinitivo «[...] são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as adjetivas reduzidas de gerúndio» (ibid., 613).
- Embora os pronomes átonos, segundo prescrevem as gramáticas, devam exercer o papel de objeto em uma oração, no PB «[...] é muito frequente o uso do pronome **ele(s)**, **ela(s)** como objeto direto [...]» (ibid., 288). Este uso tem raízes antigas, e está documentado também «[...] em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV [...]» (ibid., 288).
- O emprego das combinações de pronomes átonos com **o**, **a**, **os**, **as** – de objeto direto – estão praticamente fora de uso no PB, embora no PE elas sejam utilizadas. A gramática chega a afirmar que essas combinações, no PB, «[...] da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais» (ibid., 309).
- A inserção de palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo, embora a gramática não confirme o desuso dela no PB, é uma construção preferida pelos «[...] escritores do idioma, principalmente os portugueses [...]» (ibid., 314). É mais comum, entre elas, a intercalação da negativa **não**.

Se muitas dessas diferenças podem ser, de alguma maneira, compreensíveis para o leitor brasileiro – visto que as gramáticas usadas no Brasil possuem o mesmo conjunto de regras que as gramáticas portuguesas – elas muito provavelmente causariam certo estranhamento pelo uso diferenciado que fazemos da língua. Veremos que as diferenças sintáticas somadas às semânticas formarão um conjunto bastante significativo na indicação do distanciamento entre PB e PE.

Proposta de tradução

Os traços da língua que nos permitem enxergar as discrepâncias entre o português falado em Portugal e o falado no Brasil abarca, além das categorias sintáticas, o âmbito da significação. Isso porque muitos vocábulos existentes no PB e no PE podem apresentar significados diferentes. Muitas vezes, os dicionários de língua portuguesa publicados nos dois países trazem os mesmos significantes para o PB e o PE. Entretanto, deve-se levar em conta que é no grau de codificação que o sentido adquire várias facetas.

Diante de todas as divergências entre PB e PE, e visto que a tradução é o caminho pelo qual o texto passa para que seja entendido na comunidade estrangeira que vai recebê-lo, apresentaremos uma proposta de tradução com base nos elementos gramaticais e lexicais mostrados anteriormente. Em muitas passagens tivemos que levar em conta o significado global de determinadas expressões para que pudéssemos encontrar seus equivalentes no PB.

As propostas de tradução de alguns trechos selecionados do livro de Antunes (2003) foram feitas com base nas explanações das diferenças sintáticas dadas pela gramática de Cunha & Cintra (2007) e no *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa* (Instituto Antônio Houaiss 2001).

ORIGINAL: «—Com os queixais da **gajada** não vai **o colega** ter problemas – **berrava-me** ele, encostado à sua cadeira horrenda, reluzente de satisfação e de suor, **a enterrar** o maçarico em chamas da broca num maxilar apavorado» (Antunes 2003, 19-20).

TRADUÇÃO: «—Com os queixais da portuguesada você não vai ter problemas – berrava ele, encostado à sua cadeira horrenda, reluzente de satisfação e de suor, enterrando o maçarico em chamas da broca num maxilar apavorado.»

ORIGINAL: «**Sinto-me** aqui, **percebe**, como sentia **em pequeno** o meu pai na igreja, nas missas pelos defuntos da família onde chegava invariavelmente **a meio**, plantado junto à pia de água benta, de mãos atrás das costas, Robespierre de **canadiana a desafiar** as caixas das esmolos e os olhos de barro triste dos santos. Pertencço sem dúvida a outro **sítio**, [...]» (ibid., 35).

TRADUÇÃO: «Me sinto aqui, entende, como sentia quando pequeno o meu pai na igreja, nas missas pelos defuntos da família onde chegava invariavelmente no meio, plantado justo à pia de água benta, de mãos atrás das costas, Robespierre de muleta canadense desafiando as caixas das esmolos e os olhos de barro triste dos santos. Pertencço sem dúvida a outro lugar, [...]».

ORIGINAL: «[...] se assemelhavam **às mangas de papel** que embrulham as **palhinhas de fresco**» (ibid., 46).

TRADUÇÃO: «[...] se assemelhavam a tubos de papel que embrulham os canudinhos de refresco.»

ORIGINAL: «[...] um solteirão melancólico **a quem se não telefona** e cujo telefonema ninguém espera, tossindo **de tempos a tempos** para se imaginar acompanhado, e que **a mulher a dias** acabará por encontrar sentado na **cadeira de baloiço** em **camisola interior**, de boca aberta, roçando os dedos roxos no pelo cor-de-novembro da **alcatifa**» (ibid., 69).

TRADUÇÃO: «[...] um solteirão melancólico a quem não se telefona e cujo telefonema ninguém espera, tossindo de tempos em tempos para se imaginar acompanhado, e que a diarista acabará por encontrar sentado na cadeira de balanço de camiseta, de boca aberta, roçando os dedos roxos no pelo cor-de-novembro do carpete.»

ORIGINAL: «Vá por mim, doutor, **sopeira em que o patrão não se ponha nunca chega a criar amor à casa. Tinha-lhe** comprado meias de rendas pretas e **cuecas** vermelhas [...]» (ibid., 93).

TRADUÇÃO: «Vá por mim, doutor, criada com quem o patrão não chega às vias de fato não cria amor à casa. Tinha comprado para ela meias de rendas pretas e calcinhas vermelhas [...]».

Muito além de diferenças semânticas, as discrepâncias entre as duas línguas atingem a própria construção frasal, a escolha do verbo, a colocação dos pronomes. Tudo isso mostra, como diz Labov (1976; apud Orlandi 1987, 102), nossas

[...] **atitudes**, ou seja, avaliações em relação à língua. E, embora uma língua apresente muitos subsistemas, vem acompanhada de uma rede de **avaliações homogêneas**. Dentro de uma mesma sociedade, as atitudes são homogêneas. [...] As avaliações estão em estreita dependência das circunstâncias sociais da comunidade em questão. Fazem parte da identidade do grupo e, consequentemente, de sua adaptação a suas normas (grifos do autor).

Possuímos atitudes diferentes em relação à língua porque somos um **povo** diferente, com influências da fauna, flora, de imigrantes, da geografia, do clima, diferentes entre as comunidades portuguesa e brasileira. A língua que falamos mostra nosso modo de ver o mundo, e este é traçado pela ideologia, pelos valores e pela cultura da comunidade em que nos inserimos. De acordo com Azenha, «[...] a linguagem deve ser vista como um elemento integrante de uma cultura, como uma de suas manifestações mais poderosas [...]» (apud Zipser 2002, 42). Língua e cultura são dois fenômenos que se interligam, interferem um no outro. E é indiscutível que os povos portugueses e brasileiros apresentam culturas diversas, atreladas a um passado que, mesmo considerando a duradoura relação entre colônia e metrópole, tomou caminhos diversos, acolheu e internalizou influências externas de maneiras diferentes. Com isso, a língua falada por esses dois povos acompanha as mudanças na ideologia, molda-se para dar voz aos sentimentos despertados pela realidade em que seus falantes vivem. O povo brasileiro vive uma realidade que é brasileira, assim como os portugueses convivem com as ideologias próprias portuguesas. É bem pouco provável que dois povos com culturas, ideologias, convicções e atitudes diferentes possam usar exatamente o mesmo código linguístico para se comunicar. Se a

língua acompanha o modo de seus falantes interpretarem o mundo em que vivem, e se vivemos em mundos diferentes, o papel do tradutor como mediador entre duas línguas/culturas torna-se fundamental para o exercício do entendimento mútuo.

Considerações finais

A tradução é um ofício que envolve, além do conhecimento do conjunto de sistemas das línguas (LF e LA), também o aparato que dá forma aos seus traços fundamentais enquanto instrumentos de interpretação da realidade. Esses elementos envolvem a ideologia, as prioridades, os conceitos utilizados no julgamento da realidade feito pelas comunidades falantes de tais e tais línguas. O tradutor deve trabalhar como mediador não somente linguístico, mas também cultural entre dois códigos. A língua, por isso, deixa de ser um objeto estanque, com um fim em si mesma, e passa a ser uma soma que envolve seus falantes bem como o modo como eles utilizam a linguagem para expressar suas concepções de mundo. É necessário, pois, que o tradutor atente para o fator cultural indissociável da língua. É o valor social intrínseco na língua que exige do tradutor o conhecimento pragmático das línguas com as quais trabalha para que, ao traduzir, opte por vocábulos e construções mais aproximadas da realidade linguística do seu público alvo. Um tradutor brasileiro que verte um texto escrito no PE possui internalizadas as formas e os usos que fazemos do PB, podendo, por isso, aproximar culturalmente o texto da LF para o público da LA.

As diferenças entre PB e PE abrangem, além do léxico (diferenças muitas vezes difundidas na mídia), aspetos sintáticos, fonológicos, morfológicos e pragmáticos. Embora as gramáticas brasileiras sejam essencialmente portuguesas quanto ao conteúdo, o uso real que o brasileiro faz da língua – tanto nas modalidades oral quanto na escrita – distancie-se muito dos modelos estagnados das gramáticas – os quais podem parecer muitas vezes obsoletos, antiquados, inconvenientes. Enquanto isso, os portugueses seguem falando de um modo que muitas vezes nos deixa confusos ou insensíveis aos significados pretendidos pelo interlocutor.

Podemos entender o passado e a evolução dessas diferenças quando traçamos a história da língua portuguesa desde seu surgimento até sua expansão ultramarina. O contato com novos cenários e povos, com conceitos novos ainda sem nomes na língua dos colonizadores, acrescentou à língua portuguesa novos sabores, novos odores, e assim ela moldou-se de acordo com a realidade tropical vivida por seus falantes recém-conquistados. Da influência dos novos imigrantes que o Brasil abraçou, a língua absorveu novas estruturas, novos fonemas, novos vocábulos. E o PB evoluiu à sua maneira, brasilicamente, enquanto o PE continuava sua evolução distinta em terras lusitanas. Talvez pelo fato de o Brasil ter sido colônia por quase 300 anos, e de ainda possuímos um traço tênue de submissão linguística, continua-se a apregoar essa unidade linguística dos países lusófonos – com um viés muito mais político do que propriamente linguístico. Com isso, encobre-se o que as línguas têm de mais precioso e rico, o que as destaca dentre suas similaridades: as diferenças.

Ao traduzir não tentamos subjugar as línguas, nem equipará-las, nem denegri-las. Ao trazermos os escritos em PE para as estruturas do PB não tiramos a doçura da língua portuguesa europeia nem afetamos o respeito pela comunidade lusitana. Muito pelo contrário. Ao traduzirmos as palavras entre uma língua e outra promovemos o entendimento facilitado pela proximidade linguística de cada comunidade. Trazemos os sentimentos, os ideais e – acima de tudo – a carga semântica das mensagens para perto do que sente a comunidade que vai recebê-las.

Traduzir de uma língua portuguesa para outra a ser distribuída entre diferentes países lusófonos é, antes de tudo, um ato de respeito. É considerar o passado de cada comunidade, junto com a concepção já aceita de que as línguas não se corrompem, nem retrocedem: elas simplesmente mudam. Aceitá-las como diferentes e adotar uma postura de respeito para com o público leitor aproximaria as comunidades segundo as intenções sócio-econômicas que o próprio Acordo Ortográfico propõe. Devemos considerar de modo favorável aquilo que nos singulariza, que nos faz brasileiros e portugueses. E temos a língua como principal instrumento de manifestação da identidade cultural. Não há porque torná-la engessada em moldes que nos são estranhos. E nada melhor que a tradução para figurar como intermediária nessa arbitragem entre línguas e culturas portuguesas.

Bibliografia

- Antunes, António Lobo. 2003. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Baccega, Maria Aparecida. 2003. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática.
- Bagno, Marcos. 2005a. *Português ou Brasileiro?: Um convite à pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Parábola.
- _____. 2007. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Camara Jr., Joaquim Mattoso. 1997. *Dicionário de linguística de gramática*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Catford, J. C. 1980. *Uma teoria linguística da tradução: um ensaio em linguística aplicada*. Trad. Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix.
- Cunha, Celso, e Lindley Cintra. 2005. *Nova gramática do português contemporâneo*. 18ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- _____. 2007. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Faraco, Carlos Alberto. 2005. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola.
- Instituto Antônio Houaiss. 2001. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 1 CD-ROM.
- Orlandi, Eni Puccinelli. 1987. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Campinas: Pontes.
- Rodrigues, Cristina Carneiro. 2000. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP.

A Tradução Literária entre o Português Europeu e o Português Brasileiro:
Relação entre Língua e Cultura

Zipser, Meta Elisabeth. 2002. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. 274 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Língua e Literatura Alemãs) – Universidade de São Paulo. Acesso em: 8 Outubro 2008. Disponível em: <http://pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?autor=10>.